



Title	Henrique de Senna Fernandes (1923-2010) : Um Vulto, um Povo, uma História
Author(s)	Abraham Levi, Joseph
Citation	Anais : Coloquio de Estudos Luso-Brasileiros. 2022, 49, p. 91-110
Version Type	VoR
URL	https://hdl.handle.net/11094/88534
rights	
Note	

The University of Osaka Institutional Knowledge Archive : OUKA

<https://ir.library.osaka-u.ac.jp/>

The University of Osaka

Henrique de Senna Fernandes (1923-2010): Um Vulto, um Povo, uma História

Prof. Dr. Joseph Abraham Levi 雷祖善博士
George Washington University

We were once known as “Filhos de Macau,” Macanese, Portuguese, Eurasians, Mixed Race. [...] Our race may someday melt away in the vast melting pot as the Incas and the Mayans did, but we shall always be remembered as “Filhos de Macau”¹.

Celebrar a vida, o pensamento, a obra, a mensagem e o espírito de Henrique de Senna Fernandes é celebrar o seu Povo, a sua língua, a sua cultura, a sua cidade, o seu passado, o seu presente e o seu futuro. Portanto, há mais de dez anos do desaparecimento do grande Senna Fernandes, nada de elegias, nada de lamentações, nada de פיוטם *piyutim* (poemas litúrgicos); mas antes, é oportuno festejar o seu legado multifacetado, acto este que nos impele a fazer de maneira que os “filhos de Macau” nunca sejam esquecidos.

É nossa intenção neste texto não duplicar as demais apresentações em honra do nosso Senna Fernandes, quer a nível de análise textual de algumas das suas obras mais conhecidas quer em forma de panegírico. A nossa, ao invés, é uma breve reflexão sobre o espaço físico-temporal que moldou o Homem, o Autor e o seu amado Povo.

Orgulhamo-nos de ser, até à data, os únicos a ter criado nos Estados Unidos da América uma cadeira universitária exclusivamente

¹ Felipe B. Nery. *A Collection of Poems and Essays of Past Decades Involving Discussions of Important Matters & Topics*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2008. 312.

dedicada a Macau². Em ambas as ocasiões que tivemos de oferecer esta disciplina antes de eventualmente mudar de instituição em Maio de 2008, tivemos o prazer de oferecer aos alunos de graduação e pós-graduação uma breve panorâmica da cultura e da civilização de Macau, desde os primórdios até à data³. Em ambas as ocasiões o programa incluía as obras de Henrique de Senna Fernandes, assim como o seu grande contributo à cultura macaense. Inútil dizer que os alunos apreciaram muito o leque diversificado das temáticas propostas, *primae inter pares* o multiculturalismo e questões como identidade macaense e o encontro/desencontro de culturas:

Gostou do que viu. Nunca contemplara uma moça tão atraente, de pé descalço, e nem podia adivinhar que um bairro de “facínoras e desordeiros” entesourasse uma bela jóia como aquela. Nunca vira, também, uma trança igual, tão preta que fulgia ao sol. A-Leng, porque era ela, captou o interesse e teve a desagradável sensação de ser escrutinada da cabeça aos pés. Não estava habituada a um exame tão atrevido, sobretudo, dum estranho e demais “kuailou”. Mais perturbada que irritada, resolveu afastar o insolente, à vista das companheiras⁴.

Alguns anos mais tarde, sempre na mesma instituição norte-americana, tivemos o prazer de incluir o filme baseado num outro

² João Pinto. Entrevista a Joseph Levi. *Macau News*: “Macau nos Estados Unidos da América”. *TDM: Teledifusão de Macau* 14 de Março de 2005; Lina Ferreira. Entrevista a Joseph Levi. *Macau News*: “Macau nos Estados Unidos da América”. *TDM: Teledifusão de Macau* 5 de Agosto de 2006.

³ Cadeiras oferecidas durante o primeiro semestre dos anos lectivos de 2003 e 2006.

⁴ Henrique de Senna Fernandes. *A trança feiticeira*. Lisboa: Fundação Oriente, 1994. 19.

romance de Senna Fernandes, *Amor e dedinhos de pé*, numa cadeira sobre o cinema português, brasileiro e lusófono⁵. O papel da mulher e a cidade em si, as ruas e o movimento a estas ligado, foram entre os aspectos que mais despertaram o interesse dos alunos:

Desceu a pequena encosta, atravessou os campos relvados do Tap-Seac, sob o sussurro dos bambuais e das acácias enfloradas de vermelho, e chegou às hortas de Long Tin Chun, correndo à sombra dos plátanos meditados. Em seguida, abriu-se a zona da Flora, calma e bucólica, longe dos ruídos citadinos. O palacete do Governador espreitava, como uma mancha cor-de-rosa, no meio dum pequeno parque [...]⁶.

Apesar de não ter sido mais prolífico na sua produção literária, como no caso do seu conterrâneo José dos Santos Ferreira, (1919-1993), ou melhor, o Adé, Henrique de Senna Fernandes foi aliás um dos pilares da defesa da identidade macaense, localmente assim como na Diáspora. A sua mensagem apelava-se de facto ao aspecto local e “exótico” transformando-o, por sua vez, em meros tropos universais. Não é de estranhar, então, que os supracitados romances *sennafernandianos* viram a luz também no grande ecrã:

⁵ Cadeira oferecida durante o primeiro semestre do ano lectivo de 2007. Durante o segundo semestre do mesmo ano lectivo, ao invés, tivemos o prazer de encenar a *Estória di Maria co Alfêris Juám – Novela/História de Maria com o Alfêres João – Novela* de José dos Santos Ferreira na cadeira *Portuguese Language Theatre Workshop*. Se tivesse tido a oportunidade de continuar a leccionar nesta instituição teria certamente posto em cena uma das obras de Senna Fernandes.

⁶ Henrique de Senna Fernandes. *Amor e dedinhos de pé*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1994. 378.

[...] Henrique de Senna Fernandes, actual decano das letras macaenses, autor duma obra significativa, embora não muito extensa, que se nos revela impregnada de regionalismo, evocativa de cenas locais, vividas, que acabam por remeter para um universalismo que se insere claramente nas tendências que a globalização tem vindo a favorecer⁷.

O facto de ser multi-étnico, trilingue e multicultural renderam-no particularmente interessante sob o ponto de vista temático-cultural:

[...] as sociedades multiculturais praticam uma aproximação e confronto de que resulta a diferença em geral a que chamamos miscenização. Se analisarmos alguma literatura de Macau (desde o banalizado caso de Camilo Pessanha, passando por narradores de final de século com Adolfo Loureiro, Sam Bruno, Sant'Elmo, Jaime do Inso, até aos recentes prosadores como Senna Fernandes, ou algumas obras de Ondina Braga) concluímos que algumas diferenças existem relativamente à matriz portuguesa, e não são apenas temáticas⁸.

Desde a *Conquista Espiritual do Oriente*⁹ de Frei Paulo da Trindade, (1570- 1651) — muito provavelmente o primeiro “autor”

⁷ Maria Antónia Espadinha. “A literatura macaense em língua portuguesa: Ruptura ou continuidade?” <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slt06/01.pdf>>. 1-13. 3.

⁸ Ana Paula Laborinho. “Sociedade e cultura e fenómenos literários — perspectivas dos estudos comparados em Macau”. *Administração Revista da Administração Pública de Macau* 16.2 5 (Agosto, 1992): 451-464. 452.

⁹ Paulo da Trindade, OFM. *Conquista Espiritual do Oriente*. Ed. Félix Lopes, OFM. 3 vols. Lisboa: Centro de Estudos Ultramarinos, 1962. Veja-se também: Charles R. Boxer. *O império colonial português (1415-1825)*. Lisboa: Edições 70, 1981. 224.

português nascido em Macau —, é que houve esta necessidade indescritível de expressar a particularidade de ser português de Macau e, mais tarde (com o aparecimento de um novo grupo étnico), a singularidade e, mormente, o orgulho de ser macaense. Muito cedo a mulher euro-asiática passará a ter um papel decisivo na formação desta nova sociedade, deste novo grupo étnico-racial: “[...] Eurasian women, not [the] Chinese women, where the first mothers of the race of the *Macaenses*, the offspring of the first stable families based in Macao”¹⁰.

Os macaenses dos primórdios eram constituídos não só por colonos portugueses, sobretudo homens, e mulheres chinesas, mas também havia consideráveis contribuições de outros grupos étnico-raciais, provindos do Império Português assim como do resto do Mundo de então, particularmente através do papel intermediário de mulheres e/ou escravos japoneses e indianos, assim como de pessoas oriundas do sudeste asiático:

Muitos dos primeiros colonizadores de Macau casaram-se com *japoas* (escravas japonesas) ou mulheres japonesas livres/libertas — estas últimas a residir no bairro japonês de Macau — ou também com *mui chai*, nomeadamente, “con mujeres chinas, no hijas de nobles, sino esclavas o gente suelta”¹¹.

¹⁰ Peter Cabrerós. “Macao Patois Words in English?” *Revista de Cultura* 5 (Janeiro, 2003): 126-151. 137.

¹¹ Joseph Abraham Levi. “A mulher macaense do novo milénio: pós-colonial e ponte entre culturas”, in *A Vez e a Voz da Mulher Portuguesa na Diáspora*. Ed. Maria Antónia Espadinha. Macau: Universidade de Macau, 2009. 45-72. Vejam-se também: León Lopetegui, S.J. “Contactos entre España y China en el siglo XVI. Relación de la China del factor Juan Bautista Román”. *Missionalia Hispánica* 1 (1944): 341-352. 351; Charles R. Boxer. *Fidalgos in the Far East, 1550-1770*. Hong-Kong: Oxford University Press, 1968. 231; Charles R. Boxer. *Portuguese Society in the Tropics: The Municipal*

A História marcou o Povo de Macau; portanto, os usos e costumes dos macaenses — nas suas formas miscigenadas e sincréticas — foram uma constante na evolução e no consequente desenvolvimento em características culturais próprias do grupo étnico-racial em questão, ou seja, o *Homo Macaonensis*.

O macaense típico é pois a união genética e cultural de todas as raças e todos os grupos étnico-linguísticos que entraram em contacto com os residentes do antigo enclave português, as palavras-chave sendo empréstimos léxico-culturais, assimilação e adaptação. Em outras palavras, os macaenses:

[...] are a cultural hybrid, having both European and Oriental or Asian traits that allowed them to act as a bridge to connect the cultures of the West and the East. This trait allowed them to assume the role as the region's undisputed intermediary or 'middleman'¹².

O aspecto europeu, porém, sobretudo a presença portuguesa, quase sempre transmitida por via patrilinear ou *agnática*, apesar de ter perdido a sua “pureza” ancestral e, consequentemente, a luso-descendência, parece ser uma constante:

Macaenses são os descendentes dos portugueses, nascidos em Macau. Frequentaram as escolas locais, onde o português foi a

Councils of Goa, Macau, Bahia, and Luanda, 1550-1800. Madison: University of Wisconsin Press, 1965. 65.

¹² Peter Cabrerós. “Macao Patois Words in English?” *Revista de Cultura* 5 (Janeiro, 2003): 126-151. 137.

língua veicular de aprendizagem. Devido ao isolamento a que foram votados e à sua radicação em terra longínqua, afastada da Mãe Pátria, foram-se casando, pelos séculos fora, uns poucos com portuguesas, mas a grande maioria com as nativas regionais, misturando-se assim o sangue português com o sangue das chinesas, malaias, filipinas, etc. A percentagem do sangue português, que corre pelas veias dos descendentes desta grande maioria, é irrelevante, visto serem portugueses por descendência. Somente que nasceram em Macau e viveram no âmbito dos costumes locais, que séculos moldaram. Esses são os tais *filos de Macau*¹³.

Além da óbvia herança portuguesa e chinesa, temos de ressaltar a supracitada presença japonesa, assim como as seguintes contribuições, contudo não todas ao mesmo tempo e não todas com a mesma intensidade e percentagem: (a.) africana (quase sempre oriundas do sul do Sara, particularmente da antiga África portuguesa), (b.) ameríndia (com uma preponderância de elementos autóctones brasileiros, porém quase sempre “assimilados” ou “miscigenados” com características europeias e/ou de origem africana), (c.) árabe, (d.) persa, (e.) turca, (f.) indiana, (g.) hindustani, (h.) dravídica, (i.) indonésia, (j.) malaia, (l.) siamesa e (n.) vietnamita, para mencionar os grupos mais predominantes. Consequentemente, ser macaense significa ser “the product of the Portuguese people around the globe”¹⁴, ou melhor, o fruto da união com pessoas de outras culturas e de outras áreas do mundo: “For 450 years Macau was a home and a haven to the Macanese race, created by the

¹³ Renelde Justo Bernardo da Silva. *A identidade macaense. The Macanese Identity*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2001. 31-32.

¹⁴ Felipe B. Nery. *The Transitions. A Novel*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2006. 191.

Portuguese from Portugal who settled there and intermarried with the natives of that land and other peoples of the Far East [and beyond]”¹⁵.

A componente étnico-racial dos macaenses podia assim abraçar todos ou qualquer um dos acima referidos grupos que fazem parte do cenário humano macaense desde o seu estabelecimento em 1557. Como nos dissera Felipe B. Nery (1920-2011), um macaense da Diáspora nascido em Xangai e que viveu em terras californianas por mais de cinquenta anos: “[...] our ancestors were born in or came from Macau. Their original ancestors were part Portuguese, part local, or rather, it could be any nationality: it could be Chinese, or anything else. It is a mixture”¹⁶.

Ou Mun, ou seja, “porta do comércio”, devido à sua posição na foz do Rio das Pérolas em Cantão, era uma antiga cidade portuária ligada à Rota da Especiarias, onde pescadores de Fujian e agricultores de Guangdong (Cantão) compartiam o espaço e, sobretudo, os interesses comerciais. *Ou Mun* era também denominada *Á Má Gao*, nomeadamente, “lugar/baía de Á Má”, templo em honra de Mazu (também grafado Matsu), deusa e protectora de todos os marinheiros da área. De facto em 1488, quase quatro lustros antes da chegada dos primeiros portugueses, a população ergueu, não muito longe do porto, um templo em honra da mesma divindade.

Com o passar do tempo *Á Má Gao* transformou-se em Macau, nome adaptado/adoptado pelos portugueses. Com a autorização dos mandarins de Guangdong (Cantão) os portugueses fundaram Macau,

¹⁵ José Pedro Castanheira. *Macau: The Final Years*. Trad. Felipe B. Nery. 2003. i. [coleção privada do tradutor].

¹⁶ Joseph Abraham Levi. “A Telephone Conversation with Felipe B. Nery. Part I.” 10 de Abril de 2009 (Colma, CA, USA)/11 de Abril 11 de 2009 (Hong-Kong).

onde o Oriente se cruzava com o Ocidente. Nasceram assim o *Filho de Macau* e o *Filho da Terra*:

Filho de Macau is “son of Macau.” His ancestors were/are Macanese. It is different from *Filho da Terra* [son of the Land], which means a “person born in Macau” without any Portuguese and/or Macanese ancestry¹⁷.

O macaense é portanto uma “mistura de misturas”. Como Frederic A. (Jim) Silva (1928-2021) tem justamente afirmado, ser macaense é mais um “estado de espírito” do que qualquer outra coisa; ou seja, é uma escolha que um macaense, apesar das suas origens étnicas/raciais, faz para fazer parte de uma comunidade — a comunidade macaense — em Macau assim como na Diáspora:

[...] most of us are Eurasians. It is an anthropological fact. Some can trace back a Portuguese ancestor [...] Some can also trace direct Chinese ancestry. But for the majority it has been a case of mixed blood and subsequently a mixture of mixtures. In time, all who intermarried settled down to become Sons of Macao. A Son of Macau is not so much a description of a racial type as a frame of mind. One belongs to the community because one wants to belong, and in turn the community accepts, with no barriers other than a willingness to belong¹⁸.

¹⁷ Joseph Abraham Levi. “A Telephone Conversation with Felipe B. Nery. Part I.” 10 de Abril de 2009 (Colma, CA, USA)/11 de Abril de 2009 (Hong-Kong).

¹⁸ Frederic A. (Jim) Silva. *Todo o nosso passado: Os Filhos de Macau, sua história e herança. All Our Yesterdays: The Sons of Macao, Their History*

Como sugere Frederic A. (Jim) Silva in *Things I Remember*, o poder dos macaenses vem de dentro assim como, e mormente, da cultura e da(s) comunidade(s) macaenses, em si extremamente multifacetadas. Devido ao seu próprio passado histórico, os macaenses, talvez subconscientemente, sentiram-se de facto completamente à-vontade neste ambiente imposto pelos portugueses no meio das demais culturas “estrangeiras” em solo macaense:

Knowingly or not, we owed our strength and assurance to our culture and our community. There were enough of us in numbers to live within our own world. We could socialize and intermarry without ever going beyond the community. Most of us, and our fathers and grandfathers before us, appeared happy enough to conform and not feel those psychological hang-ups other Eurasians may have felt in living the colonial life¹⁹.

Durante a administração portuguesa os macaenses, apesar de ser um grupo minoritário sem um estatuto especial, tinham a vantagem de ser um grupo coeso, extremamente unido. Consequentemente, os macaenses conseguiram manter algumas das características que os distinguiram dos demais grupos étnico-linguísticos.

Frederic A. (Jim) Silva também frisa que, devido ao facto de ser uma “grande comunidade”, os macaenses podiam sempre contar com os

and Heritage. Trad. Maria Alice Morais Jorge e Cecília Jorge. Ed. R. Beltrão Coelho. Macau: Livros do Oriente, 1996. 25.

¹⁹ Frederic A. (Jim) Silva. *Things I Remember*. San Francisco: Frederic A. Silva, 1999. 12-13.

seus clubes, os seus nomes *sui generis*, a sua religião, a sua comida, o seu *patuá* e as suas “raízes de Macau, às quais ficavam agarrados”.

De facto Silva sente um enorme orgulho em frisar: “We belonged, and we were secure in the knowledge that we did”²⁰ Em outras palavras, como “*filhos de Macau*” os macaenses sentiam-se “seguros” no seu próprio espaço. Isto era suficiente para se sentirem e fazerem efectivamente parte da própria comunidade. Em outras palavras, durante a administração portuguesa os macaenses conheciam o seu “lugar” e aceitavam-no: “Unfair or unjust as things may have been, we had no hang-ups. We had our own world and our community”²¹.

Talvez o seguinte excerto do “Macanese Manifesto” de Felipe B. Nery represente melhor a questão, nomeadamente, não obstante o passar dos séculos e, apesar de as situações terem mudado, os macaenses continuarão a existir, apesar das “ameaças” de extinção ou da inevitável diluição em outras etnias, raças e línguas deste nosso grande orbe:

We may not all look like our European forefathers but our blood and spirit remain unadulterated — are pure in the sense of ours intent and purpose in life. [...] we have become a race known as Macanese and we are proud of it. We aim to succeed for generations to come wherever we are driven to. [...] Have no fear, for we shall prevail [...] ²².

Como mencionado supra, na citação do jesuíta León Lopetegui, S.J., o qual, por sua vez, se referia à *Relação da China* composta por

²⁰ Frederic A. (Jim) Silva. *Things I Remember*. San Francisco: Frederic A. Silva, 1999. 13.

²¹ Frederic A. (Jim) Silva. *Things I Remember*. San Francisco: Frederic A. Silva, 1999. 13.

²² Felipe B. Nery. *The Transitions. A Novel*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2006. xi.

Juan Bautista Román, factor da *Real Hacienda* das Ilhas Filipinas, aquando da descrição do tipo de população que se encontrava no recém-nascido território português na Ásia Extrema, já desde os primórdios da sua fundação os habitantes de Macau se encontravam constituídos por pessoas de origem chinesa, japonesa, indiana, malaia e, obviamente, crioula, esta última definição a abranger qualquer pessoa com ascendência étnico-racial mista, dos euro-asiáticos aos asiáticos multi-étnicos/multiraciais e seus descendentes.

Foi exactamente desta interacção e convivência multiracial/étnica que a etnia macaense surgiu e, com ela, a sua língua crioula, o macaense ou, como precedentemente mencionado, o macaísta, o macaense ou o *patoá* (*Papiá* ou *Papiaçam di Macau*). Como todos os crioulos de base portuguesa, em si, o macaísta conserva elementos arcaicos portugueses, assim como outros idiomas vindos de fora (sobretudo o japonês, as línguas indianas e as do sudoeste asiático) e, obviamente, elementos da língua chinesa, neste caso, o cantonense:

Patua—a mixture of medieval Portuguese, Malay, Cantonese [...], Indian languages and Japanese—was widely spoken in Macau in the 19th and early 20th centuries. Today, fewer than 1,000 in the world speak it²³.

Com os séculos, como era de esperar, a influência do Chinês, sobretudo a nível de léxico e expressões idiomáticas, fez de maneira que o macaísta se tornasse mais e mais aberto a empréstimos sínicos. Com a sempre crescente influência do Inglês, começada já nas primeiras

²³ Freda Wan. “Girl Talk. A Macanese Play Exploring Timeless Women’s Issues Was Written to Rekindle Interest in a Dying Language.” *Sunday Morning Post* (Hong-Kong) Arts/The Review 6 de Março (2005): 9.

décadas do século XX, e através da vizinha Hong-Kong e do resto do Mundo, ultimamente graças à Internet e aos meios de comunicação de massa, o prestígio da língua de Shakespeare se tem manifestado também nas suas contribuições ao macaísta e, de uma certa forma, “corrupting beyond recognition the original pure Portuguese that was still spoken by those newly arriving from Lisbon”²⁴.

A língua macaísta é mais um aspecto desta identidade macaense em risco de extinção, ou melhor, em rápida extinção, para não dizer, já morta. Era a *lingu maquista* de Santos Ferreira e de Senna Fernandes:

De escritores macaenses vivos, espectadores, portanto, e participantes, neste virar do século, apenas poderei citar dois: Senna Fernandes, contista e romancista, e José dos Santos Ferreira, poeta de características populares [...] pois se exprime essencialmente na escrita, na velha «língua de Macau» ou língua macaísta (*lingu maquista*), o dialecto português antigo que em Macau foi falado durante séculos, que Santos Ferreira aprendeu na infância com seus pais e avó e que hoje já quase ninguém fala²⁵.

Aquando de uma entrevista ao *South China Morning Post*, Senna Fernandes assim caracterizou o *modus vivendi* dos macaenses:

²⁴ Jonathan Porter. *Macau. The Imaginary City. Culture and Society, 1557 to the Present*. Boulder: Westview Press, 1996. 85.

²⁵ Graciete Nogueira Batalha. “Situação e perspectivas do Português e dos Crioulos de origem portuguesa na Ásia Oriental (Macau, Hong-Kong, Malaca, Singapura, Indonésia)”, in *Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo. Lisboa – 1983. Actas*. 2 vols. Lisboa: ICALP, 1990. 1: 287-303.

Drinking some good scotch; some girls come a long; We have a fine time. We talk about philosophy, literature and sometimes about money. [...] The meaning of life is enjoying life, the gift God gave to you. We know what it is to enjoy life. That is the fascination of Macau. The mix of East and West. You can't touch it but you can feel it»²⁶.

Fazemos nossas as palavras de Maria Amélia da Conceição António Saldanha, advogada e directora da Casa de Portugal em Macau quando considerou o desaparecimento de Senna Fernandes “uma perda para a identidade de Macau porque através da sua ação como professor, escritor e advogado contribuiu para manter a identidade de Macau, para manter a sua diferença”²⁷.

Henrique de Senna Fernandes, macaense e universal, macaense e imortal: assim restará na História. A sua herança cultural continua nas suas obras e no seu Povo. Continuará em todos aqueles que, como ele, amam Macau. A sua herança cultural reside em nós. Obrigado Henrique!

Henrique de Senna Fernandes: Bibliografia

- Albuquerque, Orlando , Ruy Cinatti, Henrique de Senna Fernandes, Albano M. Matos, Fernando A. Monteiro e Alberto E. Oliveira. *Um Certo Gosto a Tamarindo*. Lobito: O Lobito Capricórnio, 1973.
- Cai, An'an, Yuanyuan Cai, Henrique de Senna Fernandes, Jing Ning, Ricardo Carriço e Yi Ding. *Da Bian Zi De You Huo*. China: [s.n.], 1995.
- Fernandes, Henrique de Senna. *The Bewitching Braid*. trad. David Brookshaw. Hong-Kong: Hong Kong University Press, 2004.

²⁶ James Hogg. “Lament for the Passing of a Way of Life”. *South China Morning Post* 11 de Junho de 1988.

²⁷ Maria Amélia António entrevistada pela Agência Lusa. “Macau: Morte de Henrique de Senna Fernandes é uma “perda” para identidade do território – Amélia António”. Atualidade *Visão* 4 de Outubro de 2010.

- ____. *Mong-há*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1998.
- ____. *A Trança Feiticeira*. Lisboa: Fundação Oriente, 1994.
- ____. *Amor e dedinhos de pé*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1994.
- ____. *Ai Qing Yu Xiao Jiao Zhi*. Pu yu zuo jia cong shu, 3. Macau: Aomen wen hua si shu; Shijiazhuang shi, 1994.
- ____. “Macau de ontem”, in *Presença da Cultura Portuguesa no Extremo Oriente*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1986. 5-20.
- ____. *Nam Van: Contos de Macau*. Macau: Henrique de Senna Fernandes, 1978.
- ____. *A-chan, a Tancareira*. Lobito: Capricórnio, 1974.
- Fernandes, Henrique de Senna e Huijuan Yu. *Da Bian Zi De You Huo*. Aomen: Aomen wen hua si shu, 1996.
- Fernandes, Miguel Senna e Alan Norman Baxter. *Maquista chapado. Vocabulário e expressões do crioulo português de Macau*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2001.

Henrique de Senna Fernandes: Obras incompletas

- Fernandes, Henrique de Senna. “A Noite Nasceu em Dezembro”, in “Cinco Anos, Cinco Livros”, *Livros do Oriente/Ponto Final*.
- ____. “O Pai das Orquídeas”.
- ____. “Os Dores”.

Alguns estudos relevantes

- Arrimar, Jorge e Yao Jingming, eds. *Antologia de Poetas de Macau*. Macau: Instituto Camões, Instituto Cultural de Macau, Instituto Português do Oriente, 1999.
- Azevedo, Rafael Ávila de. *A influência da cultura portuguesa em Macau*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.
- Batalha, Graciete Nogueira. “Situação e perspectivas do Português e dos Crioulos de origem portuguesa na Ásia Oriental (Macau, Hong-Kong, Malaca, Singapura, Indonésia)”, in *Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo. Lisboa – 1983. Actas*. 2 vols. Lisboa: ICALP, 1990. 1: 287-303.
- Barros, Leonel. *Templos, Lendas e Rituais — Macau*. Macau: Associação Promotora da Instrução dos Macaenses, 2003.
- ____. *Memórias Náuticas — Macau*. Macau: Associação Promotora dos Macaenses, 2003.

- Boxer, Charles R. *O império colonial português (1415-1825)*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- _____. *Fidalgos in the Far East, 1550-1770*. Hong-Kong: Oxford University Press, 1968.
- _____. *Portuguese Society in the Tropics: The Municipal Councils of Goa, Macau, Bahia, and Luanda, 1550-1800*. Madison: University of Wisconsin Press, 1965.
- Brookshaw, David. "Imperial Diasporas and the Search for Authenticity. The Macanese Fiction of Henrique de Senna Fernandes". *Lusotopie* (2000): 271-282.
- _____, ed. e trad. *Visions of China. Stories from Macau*. Providence: Gávea-Brown, 2002.
- Brookshaw, David e Robert Clive Willis. *Luso-Asian Voices*. Bristol: U of Bristol, Dept. of Hispanic, Portuguese, and Latin American Studies, 2000.
- Cabral, João de Pina e Nelson Lourenço. "O Macau bambu: um estudo sobre a identidade étnica macaense e a sucessão das gerações". *Administração* 6.21 (1993): 523-558.
- _____, "A questão das origens. As relações interétnicas e a condição feminina em Macau". *Sociologia — Problemas e Práticas* 11 (1992): 9-25.
- Cabrerros, Peter. "Macao Patois Words in English?" *Revista de Cultura* 5 (Janeiro, 2003): 126-151.
- Castanheira, José Pedro. *Macau: Os últimos cem dias do Império*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- _____. *Macau: The Final Years*. Trad. Felipe B. Nery. 2003. [coleção privada do tradutor].
- Castro, Isabel. "O universo dos idiomas de Joseph Levi." *Ponto Final* 17 1806 3 série 17 de Junho de 2009. 10-11.
- Chun, Wang. "A Literatura Macaense de Expressão Portuguesa". *Revista de Cultura* 23 (Abril/Junho 1995).
- Costa, Francisco Lima da. *Fronteiras da Identidade. Macaenses em Portugal e em Macau*. Lisboa: Fim de Século, 2005.
- Espadinha, Maria Antónia. "Elogio académico do Doutor Henrique Rodrigues de Senna Fernandes". Universidade de Macau.
<http://www.umac.mo/honorary/2008/2008_hc_citation_Dr_HRSF_ernandes.pdf>.

- ____, "A literatura macaense em língua portuguesa: Ruptura ou continuidade?"
<<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slt06/01.pdf>>. 1-13.
- Faria, Patrícia Souza de. "“Filhos de Portugal” contra “Filhos da Índia”: Escrita e identidade no império asiático português". *Usos do Passado. XII Encontro Regional de História*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, APERJ. Anpuh Rio de Janeiro.
<<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Patricia%20Souza%20de%20Faria.pdf>>.
- França, Bento da. *Macau e os seus habitantes. Relações com Timor*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897.
- Henrique de Senna Fernandes (1923-2010).” *Hoje Macau*.
<http://hojemacau.com.mo/?page_id=3297>.
- Hogg, James. "Lament for the Passing of a Way of Life". *South China Morning Post* 11 de Junho de 1988.
- Gomes, Luís Gonzaga. "Chegam os Portugueses, pela primeira vez, à China". *Boletim do Instituto Luís de Camões* 1 3 (1966): 267-273.
- Gunn, Geoffrey C. *Ao Encontro de Macau. Uma Cidade-Estado portuguesa na periferia da China, 1557-1999*. Trad. José António N. de Sousa Tavares. Macau: CTMCDP, 1998.
- Laborinho, Ana Paula. "Sociedade e cultura e fenómenos literários — perspectivas dos estudos comparados em Macau". *Administração Revista da Administração Pública de Macau* 16.2 5 (Agosto, 1992): 451-464.
- Lessa, Almerindo. *Macau — Ensaaios de Antropologia Portuguesa dos Trópicos*. Lisboa: Editora Internacional, 1996.
- Levi, Joseph Abraham. "The Many Identity Markers of Luso-Americas: Linguistic and Psychological Identities among First-, Second-, and Third-Generation Portuguese-Americans." *International Journal of Arts and Social Science* 3 3 (May-June 2020): 277-301.
- ____, "Muslim Women in Mainland China and Macau. Old Barriers, New Solutions." *E-revista de estudos interculturais do CEI-ISCAP* 7 (May 2019). <https://www.iscap.pt/~cei/E-REI%20Site/7Artigos/Artigos/Joseph%20Levi_Muslim%20women%20in%20mainland%20china%20and%20macau.pdf>.
- ____, "A Telephone Conversation with Felipe B. Nery. Part I." 10 de Abril de 2009 (Colma, CA, USA)/11 de Abril de 2009 (Hong-Kong).

- ____, “A Telephone Conversation with Felipe B. Nery. Part II.” 13 de Junho de 2009 (Colma, CA, USA)/14 de Junho de 2009 (Hong-Kong).
- ____, “Macau’s Foodscape: Identity Marker within Two Worlds,” in *Food-Scape, Swiss Chinese Cultural Explorations*. Eds. Margrit Manz e Martin Zeller. Hong-Kong: MCCM Creations, 2009. 105-108.
- ____, “澳門食物風景：兩個世界中的身份標記,” trad. Cathy Wong, in *Food-Scape, Swiss Chinese Cultural Explorations*. Eds. Margrit Manz e Martin Zeller. Hong-Kong: MCCM Creations, 2009. 109-111.
- ____, “Gastronomia macaense: Sinal de identidade entre dois mundos,” in *Food-Scape, Swiss Chinese Cultural Explorations*. Eds. Margrit Manz e Martin Zeller. Hong-Kong: MCCM Creations, 2009. 112-114.
- ____, “A mulher macaense do novo milénio: pós-colonial e ponte entre culturas,” Maria Antónia Espandinha, ed. *A Vez e a Voz da Mulher Portuguesa na Diáspora: Macau e Outros Lugares/The Voice and the Choice of Portuguese Women in the Diaspora: in Macao and Elsewhere*. Macau: Universidade de Macau, 2009. 47-68.
- Levi, Joseph Abraham, Ângelo Adriano Faria de Assis e Maria de Deus Beites Manso, eds. *A Expansão: Quando o Mundo foi Português*. Braga: NICPRI (Núcleo de Investigação em Ciências Políticas Internacionais), 2014. [2015].
- Lopetegui, León, S.J. “Contactos entre España y China en el siglo XVI. Relación de la China del factor Juan Bautista Román”. *Missionalia Hispánica* 1 (1944): 341-352.
- Nery, Felipe B. *The Select Remnant (Third) Collection of Poems and Essays*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2009.
- ____. *A Collection of Poems and Essays of Past Decades Involving Discussions of Important Matters & Topics*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2008.
- ____. *Essays and Poems on Past and Current Events*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2007.
- ____. *The Transitions. A Novel*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2006.
- ____. *Mr. Right: O Homem Ideal*. Bloomington, IN: AuthorHouse, 2004.
- ____. *Concealed Identities: A Mystery Novel*. [s. l.]: 1st Books, 2002.
- ____. *Filho De Macau, (A Son of Macao): An Autobiography*. New York: Vantage P, 1988.

- Noronha, Manuel e Ian Chaplin. "Cultural Identity and Intercultural Communication: An Interdisciplinary Research Approach".
<http://comm.louisville.edu/iic/books/MX%20I/MX_Volume%20I_211-225_NORONHA_CHAPLIN.pdf>.
- Porter, Jonathan. *Macau. The Imaginary City. Culture and Society, 1557 to the Present*. Boulder: Westview Press, 1996.
- Santos, José Ferreira dos. *Obras completas de Adé*. vol. V: *Macau Sã Assi*. Macau: Fundação Macau, 1996.
- _____. *Obras completas de Adé*. vol. III: *Macau di Tempo Antigo*. Macau: Fundação Macau, 1996.
- _____. *Poéma na língu maquista (Poesia em papel-de-arroz)*. Macau: Livros do Oriente, 1992.
- _____. *Dóci papiacâm di Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1990.
- _____. "Nhum Vêlo". 1986.
- _____. "Estória di Maria co Aléris Juám". *Macau di tempo antigo*. Macau: José dos Santos Ferreira, 1985.
- _____. *Macau di Tempo Antigo. (Poesia e Prosa)*. — *Dialecto Macaense* —. Macau: José dos Santos Ferreira, 1985.
- _____. *Poéma di Macau*. — *Dialecto Macaense*. Macau: Leal Senado, 1983.
- _____. *Bilhar e caridade. Poesia*. Macau: José dos Santos Ferreira, 1982.
- _____. *Camões, Grândi na Naçâm*. — *Dialecto Macaense* —. Lisboa: Fundação A-Má-Kók, 1982.
- _____. *Papiá Cristâm di Macau — Epítome de gramática comparada*. Macau: José dos Santos Ferreira, 1978.
- _____. *Qui-nova, chencho — Dialecto Macaense*. Macau: José dos Santos Ferreira, 1974.
- _____. "Merenda Ai". *Macau sã assi*. 1967. Macau: Tipografia da Missão do Padroado, 1968.
- _____. *Macau sa Assi*. 1968.
- _____. *Escandinávia, Região de Encantos Mil*. 1960.
- Silva, Frederic A. (Jim). *Todo o nosso passado: Os Filhos de Macau, sua história e herança. All Our Yesterdays: The Sons of Macao, Their History and Heritage*. Trad. Maria Alice Morais Jorge e Cecília Jorge. Ed. R. Beltrão Coelho. Macau: Livros do Oriente, 1996.
- _____. *Things I Remember*. San Francisco: Frederic A. Silva, 1999.
- Silva, Renelde Justo Bernardo da. *A identidade macaense. The Macanese Identity*. Macau: Instituto Internacional de Macau, 2001.

- Sousa, Lúcio de. *The Portuguese Slave Trade in Early Modern Japan: Merchants, Jesuits and Japanese, Chinese, and Korean Slaves*. Trad. Joseph Abraham Levi. Bóston: Brill, 2018.
- _____. *The Jewish Diaspora and the Perez Family Case in China, Japan, the Philippines, and the Americas (16th Century)*. Trad. Joseph Abraham Levi. Macau: Instituto Cultural de Macau, 2015.
- Teixeira, Manuel. “Os Macaenses”. *Revista de Cultura* 20 (1994): 61-96.
- _____. *Vultos marcantes em Macau*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Cultura, 1982.
- Vale, Maria Manuela. “A escrita da cidade e a narrativa macaense”. *Revista de Filología Románica* 2 (2001): 301-322.
- Wan, Freda. “Girl Talk. A Macanese Play Exploring Timeless Women’s Issues Was Written to Rekindle Interest in a Dying Language.” *Sunday Morning Post* (Hong-Kong) Arts/The Review 6 de Março (2005): 9.